

Histórias de
Tia Nastácia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lobato, Monteiro, 1882-1948

Histórias de Tia Nastácia / Monteiro Lobato; ilustração de Albano Souza. - São Paulo : Paulus, 2026.

II. (Coleção Sítio do Picapau Amarelo)

ISBN 978-85-349-6554-5

1. Literatura infantojuvenil brasileira I. Título II. Souza, Albano III. Série

26-2775

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil brasileira

Coleção SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Autoria: Monteiro Lobato

- *Reinações de Narizinho*
- *O saci*
- *Histórias de Tia Nastácia*

Monteiro Lobato

Histórias de
Tia Nastácia

Ilustrações de
Albano Souza



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuígeber

Coordenação editorial

Christiane Angelotti

Revisão

Tiago José Risi Leme

Luiza Tenuta

Tatianne Francisquetti

Design

Julia Ahmed

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6554-5

Índice

Apresentação	9
--------------------	---

Alexandre Carvalho

1. Histórias de Tia Nastácia	13
2. O bicho Manjaléu	17
3. O Sargento Verde	29
4. A princesa ladrona	37
5. O pássaro preto	45
6. A raposinha	51
7. O homem pequeno	57
8. A moura-torta	63
9. A madrastra	69
10. Manuel da Bengala	73
11. João e Maria	79
12. O bom diabo	87
13. A fonte das Três Comadres	93
14. A rainha que saiu do mar	101
15. A formiga e a neve	105

16. João Esperto	111
17. O caçula	117
18. A cumbuca de ouro	123
19. A mulher dengosa	127
20. O cágado na festa do céu	131
21. O rabo do macaco	135
22. O macaco e o coelho	139
23. O macaco e o aluá	143
24. O macaco, a onça e o veado	149
25. O veado e o sapo	155
26. A onça e o coelho	159
27. O pulo do gato	165
28. O doutor Botelho	167
29. A raposa e o homem	171
30. O pinto sura	175
31. O jabuti e o homem	183
32. O jabuti e a Caipora	187
33. O jabuti e a onça	191
34. O jabuti e a fruta	195
35. O jabuti e o lagarto	199
36. O jabuti e o jacaré	203
37. O jabuti e os sapinhos	207
38. A raposa faminta	211
39. O camponês ingênuo	215

40. A história dos macacos	219
41. O rato orgulhoso	225
42. Peixes na floresta	229
43. O alcatraz e o êider	233
44. A história dos dois ladrões	237

Posfácio • Tia Nastácia:

memória, oralidade e permanência	243
--	-----

Christiane Angelotti

Glossário	245
-----------------	-----

Apresentação

Alexandre Carvalho*

Caro leitor e estimada leitora, chega às suas mãos mais uma obra de Monteiro Lobato destinada, de modo particular, ao público infantil: *Histórias de Tia Nastácia*. Publicada originalmente em 1937, a obra apresenta a cozinheira do Sítio como protagonista. Tia Nastácia entra em cena como porta-voz da tradição folclórica, contando histórias que escutou e memorizou aqui e ali.

Nessa noite de contação, reúnem-se alguns personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Curiosamente, o grupo é formado majoritariamente por figuras femininas – há apenas uma exceção: Pedrinho. Estão presentes Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Emília. Dona Benta é a matriarca desse ambiente e, de certo modo, Tia Nastácia é seu contraponto e complementação. Enquanto a primeira representa a dimensão erudita e formal da cultura, a segunda é herdeira da tradição popular, marcada não pela instrução formal, mas pela oralidade. As narrativas revelam o encontro de duas matrizes

* Alexandre Carvalho é doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Sua pesquisa doutoral versou sobre o distópico em textos literários juvenis de autoria brasileira. A interface literatura-sociedade e o personagem secundário são temas de interesse para o pesquisador. Ele foi editor do segmento infantojuvenil da Paulus Editora por 10 anos. Atualmente, Alexandre é vice-diretor da FAPCOM (Faculdade Paulus de Comunicação), em São Paulo.

culturais, a erudita e a popular, que, longe de se sobrepor, dialogam e se enriquecem mutuamente na construção do universo do Sítio.

Se Dona Benta é leitora dos clássicos da literatura, Tia Nastácia escuta o mundo: seus ouvidos recolhem histórias contadas ao pé do fogão ou à luz da lamparina. Vale recordar que “Nastácia” é, certamente, diminutivo de Anastácia, nome de origem grega que significa “ressurreição”, palavra carregada de esperança. Também é significativo o uso da alcunha “tia”: a cozinheira não desempenha apenas uma função na casa; ela é parte integrante daquele espaço e contribui para além da nutrição física.

Das 43 histórias presentes na obra, 36 são contadas por Tia Nastácia e 7 por Dona Benta. As narrativas da cozinheira têm como fonte tradições indígenas, africanas e europeias. Assim como o povo brasileiro resulta da junção desses grupos, as histórias que circulam entre o povo refletem essa mescla complexa.

A cada história contada, os ouvintes intervêm ativamente. Dona Benta, Narizinho, Emília e Pedrinho comentam, questionam e avaliam. Muitas vezes, as narrativas são consideradas repetitivas, incoerentes ou excessivamente marcadas pela presença da realeza e da religiosidade. Tia Nastácia não rebate tais observações; Dona Benta, por sua vez, busca contextualizar essas construções, próprias da tradição oral. Sem o registro escrito, a oralidade permite que uma narrativa se alongue ou se encurte, ganhe ou perca elementos e se adapte às realidades e aos espaços geográficos de quem a conta.

Tia Nastácia assume, assim, o lugar do afeto e da preservação da memória. Sua presença pode parecer simples, mas não é simplória. Quando “a velha de colo quente” partilha suas histórias, fala de si e de uma multidão de homens e

mulheres que vieram antes dela. A ancestralidade é elemento central nas narrativas transmitidas oralmente. Não se contam histórias às pressas, mas em círculos de proximidade, alegria e intimidade, muitas vezes acompanhadas de comida partilhada como gesto de cumplicidade e identidade.

A Paulus apresenta *Histórias de Tia Nastácia* de forma integral, mantendo o texto tal como publicado em 1937. Com isso, respeita-se a obra e seu autor, ao mesmo tempo que se abre espaço para o diálogo entre passado e presente. Afinal, uma obra literária traz as marcas do tempo e da realidade social que a geraram, e continua a influenciar leitores de diferentes épocas quando reapresentada. Nenhum texto é neutro; todos carregam intencionalidades explícitas ou veladas. Cabe ao leitor de hoje posicionar-se diante do que lê de modo ativo e construtivo.

Nota ao leitor

Esta edição apresenta, ao longo do livro, notas explicativas que têm como objetivo apoiar a leitura crítica da obra em seu contexto histórico e cultural. Publicado em outro momento da sociedade brasileira, o texto traz marcas de sua época e opiniões do autor que hoje demandam mediação e reflexão.

Dois aspectos orientam especialmente estas notas. O primeiro diz respeito à riqueza da cultura popular, presente nas histórias narradas por Tia Nastácia, personagem que representa a tradição oral, muitas vezes, porém, tratada de forma depreciativa pelas demais personagens. O segundo refere-se à presença de representações raciais e estereótipos, que refletem tanto o contexto histórico quanto visões do próprio autor.

Ao manter o texto original, esta edição busca não apagar essas questões, mas evidenciá-las, favorecendo uma leitura contextualizada e crítica, especialmente em ambientes educativos.

1. Histórias de Tia Nastácia

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente, parou e disse a Emília, que andava rondando por ali:

— Vá perguntar à vovó o que quer dizer folclore.

— Vá? Dobre a língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor.

Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca.

— Emília do coração — disse ele —, faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folclore, sim, teteia?

Emília foi e voltou com a resposta.

— Dona Benta disse que *folk* quer dizer gente, povo; e *lore* quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos – os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?





O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse:

— Uma ideia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emília arregalou os olhos.

— Não está má a ideia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

— As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites, ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se Tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria?

Foi assim que nasceram as Histórias de Tia Nastácia.

Nota explicativa

Antes de iniciarmos, de fato, a contação de histórias, vemos como a personagem Tia Nastácia é associada à ideia de “povo” e à tradição oral. A expressão “as negras velhas são sempre muito sabidas” apresenta mulheres negras de forma generalizada, como se compartilhassem características fixas. Esse tipo de representação, comum na época em que a obra foi escrita, evidencia as profundas discriminações e injustiças sofridas pela população negra no Brasil, já denunciadas e combatidas naquele período, e reforça estereótipos raciais e sociais hoje considerados condenáveis e inaceitáveis.